

FACEBOOK LIVE, SENSIBILIDADE E COMPETÊNCIA JORNALÍSTICA: DIALOGANDO COM ANTONIO FAUSTO NETO

FACEBOOK LIVE, SENSITIVITY AND JOURNALISTIC COMPETENCE: A DIALOGUE WITH ANTONIO FAUSTO NETO

Alexandro Mota¹
Marcos Palacios²

Resumo

Sensibilidade é um vocábulo altamente polissêmico, que recebe distintas acepções nos estudos sobre Jornalismo. Seu acionamento pode dizer respeito a aspectos da Formação Profissional, Ética e Deontologia, Rotinas Produtivas, Narratologia, Recepção etc. Este artigo centra-se em elementos na construção da narrativa em situações de cobertura jornalística ao vivo, buscando problematizar como a emergência de uma nova ferramenta tecnológica – o Facebook Live – pode tensionar e alterar a dinâmica entre os polos de produção e recepção. Por tal via, levantam-se questionamentos sobre cânones profissionais que regem as relações entre narrador, fonte e narratário no âmbito jornalístico, o lugar de fala do jornalista e a natureza de sua mediação técnico-simbólica enquanto “eu testemunhal”. Em última análise, busca-se perceber efeitos sobre a Sensibilidade do jornalista quanto à natureza e circunstâncias que cercam uma cobertura imagética ao vivo, com o incremento da interatividade com ‘públicos em rede’. Tendo como norteadoras as ideias de Antonio Fausto Neto sobre Prática e Sensibilidade jornalísticas na sociedade mediatizada, utiliza como estudo de caso ilustrativo a cobertura do *O Globo* do reforço da segurança na Rocinha (Rio de Janeiro) através do uso de efetivos das Forças Armadas, em setembro de 2017, analisando as próprias *lives* e entrevistando profissionais envolvidos nas transmissões.

Palavras-chave: Sensibilidade & Jornalismo. Facebook Live. Novas Tecnologias de Comunicação. Jornalismo ao vivo. Fausto Neto.

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. É Jornalista com atuação em Salvador (BA). Pesquisador do GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line. Lattes: lattes.cnpq.br/1446466802353556, ORCID: 0000-0003-2050-0750, e-mail: alexandro.ms@gmail.com.

² Professor Titular de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e Professor Catedrático Visitante na Universidade da Beira Interior (Portugal). Aposentado como Pesquisador A1 do CNPq, em 2020. Lattes: lattes.cnpq.br/0321221958931370, ORCID: 0000-0002-3856-2506, e-mail: marcos.palacios@gmail.com.

Abstract

Sensitivity is a highly polysemic word, which receives different meanings in Journalism Studies. Its activation can refer to aspects of Professional Training, Ethics and Deontology, Productive Routines, Narratology, Reception etc. This article focuses on elements in the construction of the narrative in situations of live news coverage, seeking to problematize how the emergence of a new technological tool – Facebook Live – can tension and change the dynamics between production and reception poles. Questions are raised about professional canons that govern the relationships between narrator, source and audience in the journalistic sphere, as well as the 'place of speech' of the journalist and the nature of his technical-symbolic mediation as a "testimoniuppal self". Ultimately, we seek to perceive effects on the sensitivity of journalists to the nature and circumstances surrounding live image coverage, with the consequent increase in interactivity with 'network audiences'. Starting from seminal ideas of Antonio Fausto Neto on Journalistic Practice and Sensitivity in media society, the text analyses the *O Globo* coverage of actions of Armed Forces personnel in the reinforcement of public security in Rocinha (Rio de Janeiro), in September 2017, as an illustrative case study, analyzing lives produced during the event and interviewing professionals involved in the broadcasts.

Keywords: Sensitivity & Journalism. Facebook Live. New Technologies of Communication. Live Broadcast. Fausto Neto.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre Sensibilidade e jornalismo tem sido objeto de abordagens, nem sempre convergentes, por parte de destacados estudiosos da teoria e prática jornalística contemporânea, como Afonso de Albuquerque (2000), Luiz Gonzaga Motta (2003), Edilson da Silva (2005), Muniz Sodré (2006), Cremilda Medina (2008), Antônio Fausto Neto (2009), José Luiz Braga (2010), Mauro Ventura e Tayane Abib (2016), dentre muitos outros. Os focos de interesse e análise dirigem-se para diferentes aspectos da produção e recepção jornalística, com distintas inflexões para o polissêmico vocábulo Sensibilidade, nas diferentes incursões textuais em que é mobilizado.

Neste artigo³, optou-se por um recorte bastante específico: ilustrar, através de um estudo de caso, como a entrada em cena de uma tecnologia em particular pode afetar a Sensibilidade jornalística e abrir vias para eventuais mudanças na cultura profissional desse segmento, sugerindo novas dinâmicas de contato entre os polos de produção e recepção de discursos e, portanto, tensionando o lugar de fala do jornalista e a natureza de sua mediação

³ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Uma versão preliminar e parcial deste texto foi apresentada no IV Congresso Internacional sobre Culturas (Cachoeira-BA), em novembro de 2018, e publicado nos anais do evento.

técnico-simbólica, levantando questionamentos sobre cânones profissionais que regem as relações entre narrador, fonte e narratário no âmbito jornalístico.

Estabelecido tal recorte e tal direcionamento, vamos encontrar em Fausto Neto (2009) elementos que possibilitam uma instigante interlocução, na aproximação de algumas de suas ideias e percepções, passada uma década, com a observação do desenrolar de um caso de prática jornalística concreta viabilizada pelo Facebook Live, uma ferramenta de criação relativamente recente e que se insere no contexto do social *live streaming*. Como ilustração, investigamos as marcas e estratégias narrativas da cobertura ao vivo, transmitida pela página do jornal *O Globo* no Facebook, entre os dias 21 e 29 de setembro de 2017, registrando a entrada e posterior saída de efetivos das Forças Armadas do Brasil na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro.

2 DELIMITANDO SENSIBILIDADE

Sensibilidade (do Latim *Sensualis*, “o que sente, o que apresenta sensibilidade”, de *Sensus*, “sentido, capacidade de percepção”) é um vocábulo com múltiplas acepções em português. O *Dicionário Michaelis Online* registra 15 diferentes acepções, dentre as quais:

Capacidade de reagir pronta e imediatamente a um contato qualquer; capacidade de ser sensível ao extremo; faculdade de experimentar emoções e sentimentos, principalmente de sentir compaixão, piedade, ternura pelo próximo; propriedade dos seres vivos de receber e perceber informações sobre as mudanças do meio externo e interno e de a elas reagir através de sensações; estesia; excitabilidade; capacidade de sentir e captar o que existe no mundo e de expressá-lo criativamente; disposição para se ofender, se melindrar facilmente; suscetibilidade; facilidade para ser incomodado pela ação de algum agente físico; capacidade de ser emocionalmente favorável e compreensível; solidariedade. (SENSIBILIDADE, 2020).

No caso da profissão jornalística e seu *ethos*, o senso comum costuma estabelecer uma relação de oposição entre o par Razão/Sensibilidade. Marcado por ideais positivistas de objetividade, imparcialidade e rigor, o jornalismo da chamada Escola Norte-Americana, de adoção generalizada no Brasil, desde meados do século passado, preconiza o distanciamento e um olhar desinteressado do jornalista, ao produzir o relato do acontecimento. O fluxo de produção da representação do real é unidirecional e o par Razão/Sensibilidade é tratado como antitético, o que leva – implícita ou explicitamente – à classificação dos efeitos da

Sensibilidade no interior da narrativa como ‘invasões’ ou ‘distorções’. Nesse tipo de aproximação e caracterização do formato discursivo jornalístico, ao jornalista não é apropriado ‘sentir’.

A despeito do senso comum, no âmbito dos estudos acadêmicos sobre jornalismo, o desiderato ideológico da objetividade/imparcialidade já foi exaustivamente objeto de pesquisas em textos críticos na área dos Estudos de Jornalismo e seria até redundante aqui resenhar sistematicamente a longuíssima bibliografia disponível. Parte-se da premissa de que toda narrativa envolve elementos de Razão e Sensibilidade – ou, para usar os termos de Motta (2007), estratégias de objetivação (efeitos de real) e subjetivação (efeitos poéticos). Assim, busca-se compreender em que medida os efeitos de novas tecnologias introduzidas no ‘fazer jornalístico’ tensionam ou modificam as posturas narrativas quanto à relação entre esses dois polos de construção da abordagem e codificação/representação do real.

Parte-se, portanto, do pressuposto que:

A ideia de sensibilidade jornalística [...] [corresponde] a “princípios abstratos” que subjazem à produção de “estórias sobre ocorrências reais” [...]. Assim, se a notícia corresponde a uma “ficção”, ou seja, a “algo construído”, “modelado”, enfim, a “uma fabricação” [...], a sensibilidade jornalística deve [...] ser entendida como o modo de concepção que orienta tal fabricação, isto é, como o elemento virtual que sobredetermina as diferentes maneiras de perceber, formular e elaborar a notícia no interior de um dado contexto sócio-profissional. (DA SILVA, 2005, p. 126).

3 RESENHANDO FAUSTO NETO

Em 2009, o pesquisador e professor Antonio Fausto Neto publicou um artigo que consideramos seminal, intitulado *Jornalismo: sensibilidade e complexidade*. Resenharemos brevemente algumas das ideias ali contidas e com as quais buscaremos estabelecer uma interlocução, através do caso ilustrativo que apresentaremos adiante.

No artigo, em suas próprias palavras, o autor se propõe a:

Examina[r] efeitos da midiatização sobre o processo de construção da noticiabilidade, especialmente as novas configurações que repercutem sobre a atividade mediadora do jornalista. Enfatiza[ando] que o permeamento da sociedade por operações de lógicas das mídias enseja o deslocamento de fontes e atores para o processo produtivo jornalístico, instaurando novas formas de interpenetração neste modelo de interação-jornalista/fonte/leitor,

bem como naqueles procedimentos sobre os quais se tece a “construção do acontecimento”. (FAUSTO NETO, 2009, p. 17).

O artigo tem como pano de fundo o crescente processo de midiaticização na sociedade contemporânea, ressaltando que, na relação da mídia jornalística com instituições de diferentes campos sociais, “determinadas ferramentas, operações e lógicas, até então manejados pelos jornalistas, enquanto atores centrais deste processo, estendem-se para o mundo das fontes e dos leitores” (FAUSTO NETO, 2009, p. 18).

A tese central de trabalho de Fausto Neto é explicitada a seguir:

[...] o processo intenso e crescente da midiaticização sobre a sociedade e suas práticas sociais afeta de modo peculiar a cultura jornalística, seu ambiente produtivo, suas rotinas e a própria identidade dos seus atores. Seus efeitos transformam as fontes e leitores em instâncias de coprodução da notícia. Se não podemos falar do desaparecimento do jornalista como estrutura mediadora, muitas consequências põem em jogo seu atual status e sua identidade. Os efeitos da midiaticização proporcionam às instituições e indivíduos acesso e manejo de equipamentos, e também aos processos e operações midiáticas, convertendo-os em novos personagens deste sistema de “codificação da realidade”. (FAUSTO NETO, 2009, p. 19).

Por consequência, Fausto Neto ressalta que a crescente midiaticização das práticas sociais não poderia deixar de afetar a cultura jornalística, seu modo de ser enquanto “comunidade interpretativa”, colocando em causa a “essência da pedagogia mediadora do trabalho do jornalista”, com repercussões sobre sua identidade, bem como atribuindo às fontes e leitores “novas tarefas de gestão discursiva da atualidade, “complexificando o trabalho de enunciação do acontecimento” (FAUSTO NETO, 2009, p. 15). Assim, Fausto Neto descreve um cenário de tensionamento do lugar de mediação do jornalismo e reflete sobre modos de vínculos entre jornalismo, instituições e leitores, apontando que há “novas dinâmicas de contato” (FAUSTO NETO, 2009, p. 26) entre os polos de produção e de recepção de discursos. Referindo-se ao emblemático caso do blog da Petrobras⁴, o autor assinala mutações “que fazem aspectos estratégicos da prática jornalística escapar do seu clássico âmbito produtivo, impondo efeitos sobre a força do trabalho autoral do jornalista, especialmente sobre a natureza de sua mediação técnica-simbólica” (FAUSTO NETO, 2009, p. 18).

⁴ Em 2009, a Petrobras criou o blog Fatos e Dados, um *case* de “mídia das fontes”, disputando narrativas com a imprensa profissional, principalmente em relação aos temas de uma CPI que envolvia a estatal.

Sinalizando na direção da dimensão que mais diretamente interessa nesta comunicação, qual seja a dos efeitos de novas ferramentas tecnológicas sobre a prática e Sensibilidade jornalísticas, Fausto Neto enfatiza que as novas formas de circulação física das notícias valorizam uma nova ecologia, estruturada em torno das lógica tecno-digitais. Além disso, assinala que as plataformas digitais não são apenas espaços de circulação física de bens simbólicos, mas “ao mesmo tempo, nichos de estratégias de produção de sentido, que instauram novas regras acerca da produção da notícia, bem como sobre operações relacionadas com a tessitura do acontecimento” (FAUSTO NETO, 2009, p. 25).

No caso específico de utilização do Facebook Live, que adiante examinaremos, estabelece-se uma situação em que um repórter de uma empresa de mídia convergente, mas preponderantemente de tradição impressa (*O Globo*), passa a lidar com produções audiovisuais, interagindo diretamente com uma audiência que antes era apenas imaginária e agora manifesta-se ativamente e em tempo real.

Em concordância com Fausto Neto, percebe-se que as “convicções e as regras que sustentam a atividade mediacional que se realiza neste sistema, pela atividade autoral do jornalista, vê suas forças mescladas e a especificidade do seu trabalho narrativo permeado por enunciações heterogêneas” (FAUSTO NETO, 2009, p. 27). Fausto Neto vai também apontar em direção a uma possível situação de “esmaecimento da autoria da atividade do jornalista” (FAUSTO NETO, 2009, p. 25), uma formulação que buscaremos ao menos relativizar, quando da análise de nosso caso ilustrativo.

4 SITUANDO O FACEBOOK LIVE

O Facebook Live é o recurso do site de rede social Facebook que, atualmente, permite que qualquer um dos seus usuários, com perfil pessoal ou institucional, transmita vídeos ao vivo, de modo público. Responsável pelo primeiro movimento de popularização das transmissões de vídeo em ambiente de redes sociais, o Facebook Live foi lançado nos Estados Unidos em agosto de 2015 e liberado em dezembro do mesmo ano para produtores brasileiros. Sendo um formato nativo das mídias sociais, as *lives*, como são popularmente conhecidas, funcionam em lógicas de consumo e distribuição próprias desses ambientes (ARTWICK, 2019; GARCÍA, 2016; MOTA, 2019; STEWART; LITTAU, 2016). São exibidas e

distribuídas no *feed* dos usuários da rede conforme uma lógica algorítmica desenhada e controlada pela plataforma.

O caráter social dessa experiência configura-se a partir do modo como os usuários da plataforma, através de seus perfis, podem comentar em tempo real, reagir (com expressões representadas por ideogramas coloridos que surgem na tela) e visualizar as interações de outros usuários de modo simultâneo ao consumo do vídeo ao vivo, com destaque especial para as interações de perfis que estão na sua rede de amigos. Tais manifestações, estabelecidas por essa dinâmica, ficam também disponíveis para visualização instantânea de quem produz e transmite ao vivo.

O recurso – que atualmente tem como concorrentes o *Periscope* (do *Twitter*) e o *Youtube* (do *Google*), mas foi impulsionado também com a liberação da função no *Instagram* (do mesmo grupo *Facebook*) – tem sido amplamente utilizado nas redações para transmissão de eventos, entrevistas, resumos dos acontecimentos do dia – uma espécie de boletim de notícias, ‘programas’ temáticos com a participação dos usuários, bastidores das rotinas produtivas dos jornalistas nas redações ou em apurações, além de transmissão em tempo real de acontecimentos jornalísticos, como é o caso da cobertura de rua do jornal *O Globo* que nos serve como ilustração.

Vale lembrar que as transmissões de vídeo ao vivo na internet não constituem um fato tecnológico novo. O que há de recente – e que impulsionou a popularização desse recurso – foi a experiência acoplada a uma camada de rede social online, com grandes bases de usuários. A distinção do que o precede tem permitido novos enquadramentos que vêm sendo designados como *Mobile Streaming Video Technologies* (MSVTs), *Video Live-streaming*, *Social Streaming* ou, ainda, como *Social Media Live Streaming* (SMLS).

As transmissões ao vivo têm um sentido socialmente construído pelo formato televisivo (MOTA, 2018) e, especificamente no campo do jornalismo, é responsável pela redução das distâncias entre a “velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento” (FRANCISCATO, 2004, p. 239-240). Acreditamos que essas marcas de sentido das transmissões diretas estão sendo apropriadas pelas mídias sociais, de um modo geral, e pela produção de conteúdo jornalístico nesses ambientes, em especial. Tratam-se de novas frentes para acionar a “competência jornalística de reportar o real” (FRANCISCATO, 2004, p. 42), com novos recursos, que conferem novos elementos expressivos, capaz de tocar em novos aspectos da Sensibilidade

profissional, remodelando ou revisitando antigas práticas, além de também produzir, nos chamados públicos em rede, novas condições de sentir e ver o noticiário.

As condições e ambições sociotécnicas que desembocam na cultura *live streaming* estão associadas aos valores da sociedade em vigor e do jornalismo. Nesse sentido, ao observar a intersecção entre esses dois polos, Aguiar e Barsotti (2016) destacam valores da atual cultura profissional jornalística que dialogam com o que aqui defende-se como novas dinâmicas de contato entre jornalistas e seus públicos. Os primeiros seriam o “aqui e agora”, relacionados ao jornalismo hiperlocal e ao “culto ao flagrante, do ao vivo e da atualização frenética”, aspectos estes que não têm em si tamanho frescor, mas também uma valorização do “eu” na narrativa, que opera enquanto “testemunho como lugar de verdade” ou ainda a busca pela abreviação da “distância cartesiana entre o fato e sua narração”. Essa posição do “eu” na narrativa ou da personificação da narrativa jornalística se mostra como uma marca importante da produção de vídeos noticiosos ao vivo nas mídias sociais, tensionando a manutenção de uma prática que estimula o afastamento do jornalista do objeto narrado e, assim, despertando, acreditamos, novas condições de Sensibilidade profissional.

5 AJUSTES METODOLÓGICOS E O CASO ILUSTRATIVO

Analisamos os vídeos ao vivo transmitidos pela *fanpage* do jornal *O Globo* entre os dias 21 e 29 de setembro de 2017, referentes à cobertura do reforço da segurança pública na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, através da entrada e atuação de efetivos das Forças Armadas do Brasil naquela localidade. No total, compuseram o *corpus* 12 vídeos, totalizando 1 hora e 53 minutos de transmissão e com alcance total, de acordo com os dados do Facebook, de 1 milhão e 115 mil visualizações daquele conjunto de vídeos, além de outras 38 mil interações (reações, comentários e compartilhamentos) nas respectivas postagens. Os vídeos têm duração média de nove minutos, o mais longo com 18 e o mais breve com 3 minutos. Neles aparecem cinco jornalistas da editoria Rio do jornal (editoria de Cidade/Local),

Os dados da análise foram tabulados para identificação de características da transmissão (horário, duração, descrição etc.), para a remontagem narrativa proposta pela Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (personagens, cenários, clímax, contextos etc.), sistematização das estratégias narrativas empregadas pelos profissionais na construção da

notícia, além de compilação de dados técnicos (planos, qualidade da imagem, uso do celular etc.) e da interação dos usuários da rede social com o conteúdo. A tabulação permitiu que cada vídeo pudesse ser observado tanto separadamente (como episódios) ou em conjunto, levando-se em conta o encadeamento que fizemos da narrativa. O Quadro 1 organiza os principais elementos da história.

O Globo, que conta com 5,6 milhões de seguidores em sua página no Facebook, tem utilizado periodicamente o recurso *Live* da rede social. A marca já chegou a contar com dois programas semanais fixos no Facebook, o *Porque Hoje é Segunda* e o *Porque Hoje é Sexta* (ativos na época do caso estudado), utiliza o recurso para entrevistas na redação, para transmissão de eventos que organiza, para algumas coberturas *hard news* (como a cobertura da passagem do Furacão Irma e a apreciação, pela Câmara de Deputados, da abertura de investigação contra o então presidente Michel Temer) e também para outras coberturas diárias (como pautas de comportamento no Festival *Rock In Rio* e *tour* pela mansão leiloadada do ex-governador Sérgio Cabral, cujas *lives*, inclusive, aconteceram durante o período da cobertura na Rocinha que analisamos)⁵.

Nesta pesquisa combinamos metodologicamente as estratégias de um Estudo de Caso – e sua abordagem como ilustração (MACHADO; PALACIOS, 2010) – com a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. Os fundamentos do primeiro oferecem como opção para buscas de evidências teóricas o que a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística reserva como fundamento: a observação em perspectiva de unidades de análises, permitindo que os elementos se relacionem uns com os outros de modo não apenas lógico, mas também cronológico e integral (MOTTA, 2010), o que guarda pontos de convergência com o que a corrente do Estudos de Caso nomeia como Análise de Séries Temporais (YIN, 2001).

No nosso caso, o aspecto da temporalidade não foi um fator principal de investigação. Nosso esforço metodológico foi de observar como uma série de vídeos ao vivo transmitidos por meio da rede social online, que funciona como postagens independentes nesta, pode, ao ser analisada em seu conjunto através de uma reconstrução narrativa delimitada por um único tema, oferecer evidências para a nossa questão de pesquisa. Para lembrar: como um novo elemento técnico (o Facebook Live) interfere e reorganiza aspectos sensíveis da prática

⁵ Os links diretos com as 12 lives que fazem parte do corpus estão disponíveis em doi.org/10.6084/m9.figshare.19688499.v1.

jornalística, incluindo os modos como o jornalismo demarca posição do seu papel de mediador da representação do real.

Através de um exercício de Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2010) e da interpretação de diversos eventos e indicadores constituintes da cobertura, buscou-se identificar possíveis efeitos e tensionamentos da nova tecnologia sobre a forma de se relacionar com o real e produzi-lo simbolicamente por parte dos jornalistas, que estão lidando com dinâmicas de contato inovadoras e peculiares com os seus interlocutores.

Parte-se da premissa, em consonância com Motta (2010, p. 144), de que “os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticas e extralinguísticas para realizar certas intenções e objetivos”. Sendo assim, acreditamos que a análise centrada na identificação dessas intencionalidades comunicativas no processo da construção da notícia colabora para equacionar as questões que nos interessa colocar para fins da interlocução proposta com Fausto Neto (2009).

Quadro 1 – Sequência narrativa, período e alcance das lives analisadas

	21-SET 15H57 Coletiva. Governador Pezão e Ministro Jungmann se pronunciam sobre operação. Transmissão sem intervenção dos jornalistas. Duração: 0:04:27 Views: 36.000 Reações: 413 Comentários: 401 Compartilhamentos: 48
22-SET 12H47 Da central de trânsito, repórter mostra por câmeras da cidade congestionamentos por conta da alteração do tráfego na região da Rocinha antes da operação. Duração: 0:04:21 Views: 28.000 Reações: 355 Comentários: 122 Compartilhamentos: 72	22-SET, 16H Tropa chega em São Conrado e cerca a Rocinha. Ofegante, repórter avança junto com os militares, relata que não há tiroteios nem blindados, mas descreve clima de tensão. Duração: 0:16:14 Views: 449.649. Reações: 11.183 Comentários: 3.127 Compartilhamentos: 3.528
22-SET, 16H22 Repórter apura com policiais que fazem blitz se suspeitos invadiram escola para fugir por mata. Jornalista relata conversas com moradores e tiros que teria ouvido mais cedo. Duração: 00:11:20 Views: 87 mil Reações: 1.158 Comentários: 480 Compartilhamentos: 255	22-SET, 16H34 Muitos moradores chegando do trabalho. Tropas avançam. Com voz exaltada, repórter flagra chegada de tanques de guerra e centenas de militares. Duração: 00:07:35 Views: 168 mil Reações: 3.882 Comentários: 1.079 Compartilhamentos: 972
22-SET, 16H51 Em outro ponto, moradores descem de carros e motos e entram a pé na comunidade (há bloqueios). Evitam entrevistas. Repórter descreve tiroteios do domingo que 'motivaram' intervenção. Duração: 0:08:47 Views: 102.195 Reações: 1.916 Comentários: 546 Compartilhamentos: 373	22-SET, 17H21 Blindados da Marinha sobem a Rocinha: poucas pessoas na rua, comércio fechado. Câmera trava, áudio de repórter descreve reforço do patrulhamento feito também por PMs. Duração: 0:03:13 Views: 77.000 Reações: 1.902 Comentários: 539 Compartilhamentos: 544
22-SET, 17H27 Na Rocinha, "lado oposto à Gávea", repórter caminha em direção a comunidade e narra ter ouvido tiros perto de mata e situação que precisou se esconder em um comércio. De repente, três rajadas são ouvidas. Repórter corre. Transmissão é interrompida abruptamente. Duração: 0:04:24 Views: 35.749 Reações: 971 Comentários: 294 Compartilhamentos: 169	22-SET, 17H34 Clima é tenso, diz repórter. Por conta do barulho de tiro a transmissão anterior foi interrompida. Ele recupera, então, o que viu ao longo do dia. Repórter se despede. "Vamos torcer para que a situação se resolva o mais rápido possível". Duração: 0:07:16 Views: 48.861 Reações: 1.382 Comentários: 500 Compartilhamentos: 248
25-SET, 10H16 Operação da Polícia Civil cumpre mandato de prisão coletivo na Rocinha. Apesar de "tranquilo", unidades de saúde e escolares estão fechadas. Repórter lembra pânico do domingo. Duração: 0:18:02 Views: 14.000 Reações: 186 Comentários: 11 Compartilhamentos: 22	29-SET, 7H45 Forças Armadas deixam comunidade. Repórter narra conversas com moradores que desaprovam medida e mostra, de passarela, o que mudou no policiamento. Duração: 0:10:32 Views: 54.294 Reações: 496 Comentários: 229 Compartilhamentos: 70
29-SET, 11H11 Coletiva do ministro da Justiça faz balanço da operação. Duração: 0:16:50 Views: 15.234 Reações: 247 Comentários: 243 Compartilhamentos: 57	

Fonte: Elaboração dos autores.

Seguiu-se os procedimentos metodológicos sugeridos por Motta (2010), empregando maior esforço em aspectos que se aproximavam das nossas indagações. Os procedimentos seguidos consistiram na recomposição sequenciada do acontecimento jornalístico; a identificação dos conflitos, essenciais para qualquer narrativa, e a função dos episódios,

seguido da identificação de rede dos personagens jornalísticos. Foram evidenciados: 1) A identificação das estratégias narrativas, que consiste em “descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito de real ou os efeitos poéticos)” (MOTTA, 2010, p. 155) e 2) A observação das relações intersubjetivas entre “narrador e narratário”, que nos ajudam a pensar novas dinâmicas de contato entre eles.

Relataremos a seguir os principais elementos observados na análise, já com alguns apontamentos que servirão de ponto de partida para estabelecer conexões com o trabalho de Fausto Neto e a discussão da Sensibilidade no Jornalismo.

6 APRESENTANDO O CASO E PRIMEIROS APONTAMENTOS

A primeira ação da cobertura jornalística pelo Facebook Live que analisamos foi a chegada de homens das Forças Armadas ao entorno da Rocinha, no bairro de São Conrado, Zona Sul do Rio. Eram centenas de militares fardados que se enfileiraram e passaram a avançar em direção à comunidade, pelo o que se via das imagens transmitidas ao vivo pela repórter que inicia a *live*, usando a câmera frontal do celular, revelando a si mesma, e em seguida passando a mostrar essa movimentação com a câmera traseira do aparelho. Duas transmissões anteriores anunciavam essa ação principal, indicando seu planejamento e preparação, a primeira com declarações de autoridades e outra na Central de Trânsito onde um repórter observava as intervenções viárias relacionadas à operação.

De volta ao entorno da Rocinha, observamos que todas as ações dos militares, que operam como protagonistas da narrativa (mais da metade da cobertura gira em torno desse personagem jornalístico), são acompanhadas de perto pelos repórteres-narradores. O “eu-testemunhal” é um elemento central dessa narrativa e das resultantes modulações da mediação jornalística na cobertura, com 90% dos vídeos contando com uma ou um repórter – o que exclui duas transmissões de pronunciamento/entrevista coletiva em que não há aparição de quem manuseia o celular.

São cinco jornalistas que aparecem diretamente no vídeo: um primeiro, na Central de Trânsito, que não se identifica; Gisele Oushana, Maurício Ferro (que também não se identifica nominalmente no vídeo, mas apuramos seu nome), Gustavo Goulart e Rafael Nascimento.

Estes profissionais conduzem a narrativa do presente para o passado. No presente, são eles que simultaneamente descrevem tudo que veem e sentem, como se legendassem de modo instantâneo todas as imagens: comércio fechado, presença do exército, muitos mototáxis, clima de tensão. No passado, relatam o que viram, reproduzem as informações obtidas em entrevistas que fizeram, atualizando-as no ao vivo. São também agentes da inclusão de aspectos morais e de apreciação pessoal às histórias. "Vamos torcer para que a situação se resolva o mais rápido possível", é a frase utilizada pelo repórter que encerra o primeiro dia de transmissão do assunto.

A narrativa jornalística se desenvolve em oito cenários e é importante destacar como, imagetivamente, ela se desloca rente aos militares: primeiro, em uma área administrativa quando a operação está apenas sendo planejada, em seguida nos acessos da comunidade, em bairros nobres como São Conrado e a Gávea, avançando em seguida para ruas no interior da Rocinha. Três dias após a entrada das Forças Armadas, uma nova transmissão já se inicia dentro da favela, na localidade conhecida como Vila Verde. Por fim, a narrativa volta para a emblemática passarela projetada por Oscar Niemeyer, no acesso à Rocinha, justamente na manhã em que os militares encerram suas atividades e saem da comunidade.

Os aspectos geográficos e da mobilidade introduzem a relevância de um dos aspectos tecnológicos de interesse para a análise. Em alguns momentos, a conectividade (ou sua falha) se torna um elemento dramático na construção da narrativa do acesso à comunidade. Um dos repórteres explica que quanto mais ele adentra a Rocinha, mais perde a qualidade do sinal, o que é visível pela distorção das imagens. Importa pontuar que isso constitui um elemento da construção do real na narrativa, através de aspectos dramáticos, conferidos pela qualidade das imagens. As imagens têm uma estética amadora; reforçam o aspecto do 'real' e criam uma aparente ausência de mediação. São cenas captadas por celular, instáveis, sem efeitos de pós-produção, em baixa resolução; mostram "a vida como ela é", com uma aparente ausência de roteiro.

Seguindo os procedimentos de Motta (2010), também observamos os personagens envolvidos na trama jornalística. Do ponto de vista do sensível, vale observar como o contato, hierarquização e mediação das fontes estão no centro da atividade jornalística. Como já apontamos, a história se desenvolve a partir dos militares das Forças Armadas do Brasil. São eles que "fazem o cerco", "dão apoio", reforçam a segurança, ajudam os policiais, estão "fortemente armados" e agem com estratégia, de acordo com os textos jornalísticos que dão

cobertura às imagens transmitidas ao vivo e compõem uma construção discursiva. Próximos ou distantes das câmeras dos celulares dos repórteres, os soldados não têm voz, são apresentados e conduzidos na narrativa pelos jornalistas.

Antes de prosseguir, destacamos um desses personagens das Forças Armadas, o então ministro da Defesa, Raul Jungmann. É notável como a narrativa começa e se encerra (a partir da nossa reconstrução da cobertura em uma só sequência) com o pronunciamento dele. Nessas duas pontas, no início e no fim da recomposição das transmissões, não há qualquer mediação ou intervenção dos jornalistas, nessas *lives* o ministro detalha o que as Forças Armadas fariam ou havia feito sem indagações.

Voltando aos soldados, podemos enquadrá-los no que nas narrativas clássicas é denominado de herói, disposto a enfrentar os antagonistas, que seriam os “bandidos” ou “traficantes”, termos massivamente repetidos pelos repórteres. Esses vilões são citados de forma expressiva em dois momentos da narrativa: quando há *flashbacks*/contextualização do porquê do cerco (os confrontos entre traficantes rivais no domingo anterior à transmissão) e quando um dos jornalistas apura ao vivo – baixando a câmera enquanto conversa de longe com policiais – a presença de “bandidos” que tentam fugir pela mata, entram em um colégio e são perseguidos pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope).

Para a observação dos efeitos poéticos da narrativa, importa destacar o uso de apelativos estigmatizados, como ‘bandidos’ e ‘morador/es de comunidade’. Em consonância com Motta (2010), para quem a narrativa se completa na recepção e para quem os recursos da retórica jornalística induzem seus interlocutores a diferentes graus de comoção, identificamos indícios de alinhamento das reações dos seguidores do jornal *O Globo* (em níveis exacerbados) com essas estigmatizações introduzidas na narrativa. Esses públicos em rede, através de comentários nas *lives*, questionam a distinção entre moradores e bandidos, através de afirmações que apontam para uma criminalização indiscriminada da pobreza e dos moradores de comunidades periféricas. O antagonismo identificado no texto dos jornalistas reflete, então, no modo como os usuários comentam e se relacionam com essa narrativa, ampliando nas interações essa característica da vilania.

De braços cruzados, andando ou correndo em direção à Rocinha ou, em alguns casos, concorrendo com os repórteres na captura de imagens através de celular, os moradores são descritos pelos repórteres como apreensivos e apoiadores da presença dos militares, porém são introduzidos na narrativa quase que exclusivamente pela descrição desses repórteres-

narradores, em uma participação indireta (o repórter, em um polo ativo do discurso, atualiza no ao vivo o fato antigo – a ‘conversa’/entrevista que teve com um nativo e outras ações).

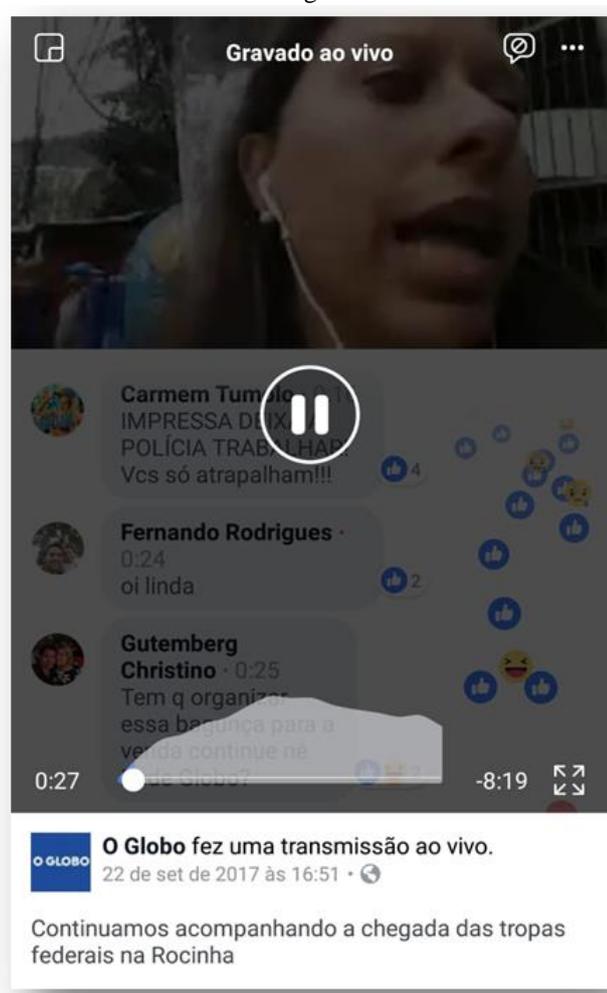
Dos doze vídeos analisados, em apenas um deles a repórter tenta entrevistar, ao vivo, moradoras. São duas mulheres que não dão abertura para a entrevista, o que é apontado pela jornalista como um exemplo do quão temerosos estão os residentes da região, discurso que funciona como autorização para os repórteres (isentos de possíveis retaliações, como observadores não implicados na história) continuarem na posição de porta-voz. O modo de enunciação do ao vivo se mostra diferente nessa interação entre repórter e fonte. “Estamos ao vivo pelo Facebook do jornal *O Globo*” é como se identifica a repórter, de modo que a plataforma precede a marca da empresa jornalística.

A imprevisibilidade e a construção do flagrante são dois outros elementos de destaque da análise. Elas operam como elos dramáticos da narrativa, mas também atestam a ‘autenticidade’ dos fatos jornalísticos, juntamente com os já citados ‘tremores’ e baixa qualidade das imagens. Verifica-se esses elementos no modo como há a descrição de uma inicial ausência de determinados elementos na cena que posteriormente surgem como de surpresa nas transmissões. Exemplos são: a repórter diz nos primeiros episódios que não percebe a presença de carros blindados, duas entradas ao vivo depois surgem os tanques de guerra da Marinha, que passam a ser descritos com voz exaltada por ela. Os blindados novamente somem dos quadros e a repórter indica imprecisão ao não saber se eles acessaram ou não a comunidade, no que, no episódio seguinte, outro repórter, este já propriamente na Rocinha, passa a contar um a um os tanques de guerra que sobem o morro.

O mesmo acontece com a repetitiva narração deste último repórter em relação à quantidade de tiros que diz ter ouvido “mais cedo”, fora da transmissão ao vivo e em ponto de observação privilegiado – um condomínio próximo da área da mata apontada como local de fuga e com acesso à internet ruim, de acordo com o jornalista. Os relatos de tiros, feitos no passado, provocam questionamento dos usuários do Facebook – “não estou ouvindo tiro algum”, escreve um homem. Até que em um dos vídeos, enquanto o repórter sobe em direção ao centro da comunidade, três rajadas são ouvidas e ele passa a voltar para “o asfalto”, em passos acelerados e com voz ofegante. Em meio a militares com armas de cano longo em posição de prontidão para ataque, interrompe abruptamente a transmissão, que será retomada minutos depois, em um novo fluxo, com a explicação: “interrompemos por questões de segurança”.

Antes de avançar no debate sobre a construção do clímax, vale pontuar uma distinção nos arranjos que a ferramenta em si concede, com maior controle sobre conexão e desconexão dada aos jornalistas, permitindo encerrar o contato com seus interlocutores quando estão em situação adversas ou confusos, como no exemplo acima. Isso ressalta o modo como é um trabalho solitário, mas também é possível pela ausência de uma grade (como é a televisiva) ou da obrigação de um fluxo contínuo.

Figura 1 – Gráfico de Tendência, na parte inferior da tela, mostra volume de interação dos usuários e aponta o 'clímax algorítmico'



Fonte: Reprodução de tela.

Retornando aos elementos de imprevisibilidade, podemos observar que mesmo não parecendo proposital, a narrativa prepara os narratários para um clímax. Nossa argumentação é que, no caso das *lives*, o pico eventualmente alcançado não se limita à narrativa, mas também se materializa no algoritmo com o gráfico de tendência, recurso disponível para quem

consome o vídeo após o final da transmissão e que apresenta, graficamente, os momentos do vídeo que registraram maior interação entre os usuários. Assim, é possível navegar pela transmissão com os indícios de em quais trechos houve uma maior mobilização do público em rede.

Aspectos linguísticos e extralinguísticos servem para demarcar o efeito do real e o efeito poético. Os primeiros elementos que observamos nesse sentido são a) a entonação de voz, ora tranquila, ora ofegante ou exaltada; e b) a linguagem corporal e a posição de alerta evidenciadas nos momentos de *video-selfie*. Nesses momentos, em geral, os repórteres não olham para a câmera, antes observam o que tem a sua volta, como indicando a iminência de acontecer algo – e acontece, como o momento dos sons de tiros, ou a chegada dos tanques de guerra, ou diversas interações de transeuntes com os jornalistas ou com a filmagem em si.

Para avançar na listagem de elementos, é importante entender que a tecnologia e a temporalidade deste formato, ou seja, a linguagem e o tempo da narração dos repórteres no contexto do *live streaming*, vão atuar, ainda no sentido das estratégias de produção de efeitos do real e do poético, como gatilhos do valor da atualidade que se tornou central para a autoridade jornalística.

Na afirmação radical do presente (atualidade) o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade reduzindo e encerrando tudo no momento atual. É da atualidade que ele organiza as histórias como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e do on-line. Daí a profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante. (MOTTA, 2010, p. 157).

Assim temos a negação da mediação, um movimento que Motta caracteriza como típico da narração jornalística, que no caso aqui estudado vai se manifestar através da linguagem com o uso de expressões como "o que a gente vê", "é o que a gente percebe neste momento", "o que a gente percebe realmente", "mas de fato", "deixa eu mostrar para vocês o tamanho disso [comunidade] aqui" etc. Esses dêiticos constituem elementos da construção do efeito do real, convidando o narratário a participar diretamente dessa construção.

Embora o repórter-narrador busque negar a narração/intermediação, é colocado em um contexto novo de uma plataforma que permite que, por vezes, seja questionado pelos usuários por conta dela. Importa essa distinção do contexto do Facebook Live em função do modo

como a narratividade jornalística precisa ser revelada em seu consumo (MOTTA, 2010). No caso das *lives*, o consumo é casado com o contexto da camada de rede social, que faz com que a experiência de outros usuários (reveladas em *likes* ou em comentários sobrepostos ao vídeo) esteja acoplada à narrativa jornalística e seja potencialmente lida também por outros usuários, algumas vezes servindo como ponto de partida para novos comentários. Esse contexto descrito é o que defendemos ser, apoiados pelos estudos de Rost (2014), um novo patamar de interatividade comunicativa, medido pelo quão visível é, dentro da produção jornalística, a interação dos usuários.

Figura 2 – Imagens da transmissão da saída do efetivo das Forças Armadas, com comentários e reactions dos usuários sobrepostos ao vídeo na versão *mobile*



Fonte: Reprodução de tela

Por fim, ainda dentro do detalhamento da análise, retorna-se ao aspecto da performance dos jornalistas. Vale pontuar que, embora em alguns momentos eles simulem um linguajar caracteristicamente televisivo, a desenvoltura deixa claro que não são repórteres treinados necessariamente para o vídeo – não havendo aqui um julgamento de qualidade. Eles falam de forma simples, alguns têm cacoetes linguísticos, e isso se mostra também como marcas da representação do real. Os repórteres se posicionam como personificação da marca jornalística *O Globo*. O *self*, nesse caso, se apresenta como uma estratégia de convencimento e por vezes também de assinatura do repórter, que nem sempre se apresenta nominalmente – embora não deixem de apresentar a marca.

6.1 Os repórteres-narradores

Esta pesquisa entrevistou, por telefone, em fevereiro de 2019, dois dos cinco jornalistas do jornal *O Globo* envolvidos na cobertura utilizada como caso ilustrativo. As entrevistas ocorrem após a conclusão da análise do conjunto de *lives*. Aqui optamos por uma reconstrução crítica e conjectural dos principais elementos apresentados pelos repórteres na entrevista⁶.

De um modo geral, os jornalistas situam a produção das *lives*, recorrentemente, em um contexto de mais uma camada da exigida polivalência profissional, frente às reduções de equipes e diversificações das produções. As *lives* são colocadas por eles como mais uma produção multimídia, no sentido de acrescer de outros desdobramentos de suas apurações, mas é possível inferir dos relatos uma distinção pelo modo como está imbricada na etapa da apuração ou na construção da notícia em si.

O repórter que transmite enquanto apura parece estar diante de múltiplos apelos de Sensibilidades profissional. O primeiro deles é a decisão em si de iniciar uma *live*, o que, no caso estudado, surgiu como pedido ou incentivo de superior hierárquico ou da equipe responsável pelas mídias sociais do veículo. Os jornalistas entrevistados mostram-se mobilizados às produções que engajam o público nas redes sociais. A outra justificativa para iniciar uma transmissão é gerar “boas imagens”, com o acréscimo de que há de ter “movimentação” expressiva, nas palavras de uma das jornalistas ouvidas, além da checagem de condições técnicas no local. Os repórteres, no local da apuração, compartilham e ajustam com a equipe de mídias sociais e com os editores as expectativas em torno desses três eixos.

Para conectar esses primeiros elementos de Sensibilidade observados nas entrevistas com os profissionais com o próximo que destacaremos, vale trazer trecho do depoimento de uma das jornalistas.

Eu não cheguei na Rocinha já fazendo a *live*, eu cheguei na Rocinha analisando a situação, conversei com os moradores, as pessoas que estavam ali, com os próprios policiais, tentando justamente garantir as informações daquele momento, para passar o *flash* e para passar o retorno para a redação, que a gente tem no nosso caso, **não é só o papel**, não é só a matéria do dia seguinte, a gente tem **o site que é tempo real** e que a gente tem que está alimentando ali constantemente. Então, passada essa fase, você começa a

⁶ Um arquivo com as transcrições das entrevistas na íntegra está disponível em doi.org/10.6084/m9.figshare.19688496.v1.

observar a movimentação. E eu, **na qualidade de repórter, estou ali para ver a hora que vale a pena iniciar uma *live***. (INFORMAÇÃO ORAL).

Além do detalhamento do processo de decisão do início da transmissão, a repórter demonstra uma preocupação com uma pré-apuração para a *live* em si e uma preocupação maior com a alimentação de outros produtos, tais como o texto do dia seguinte do impresso ('*papel*') e, principalmente, a atualização da redação em tempo real. Em suas declarações, os jornalistas mostram-se preocupados com a qualidade do que entregam.

Nossa constatação é de fluxos comunicacionais que são complexificados, inclusive com um retorno para a redação com informações (no jargão da jornalista denominado *flash*) que acontece até mesmo durante a *live*, com a redação sendo atualizada no momento em que se apura e no mesmo momento em que o público assiste e interage com essa apuração. Vale o registro que o vídeo transmitido e, posteriormente, arquivado na *fanpage* do jornal se torna uma memória, um registro de apuração que por vezes pode substituir anotações no local e que os repórteres afirmam consultar para consolidação de textos. Sintetizando, uma vez iniciada, a *live* demanda do jornalista Sensibilidade profissional para uma apuração e para um texto que se desenvolve enquanto ele transmite nas redes sociais, atenção em relação a um texto final posterior e um estado de alerta em relação ao público que o acompanha – que costuma incluir profissionais da redação.

Em relação às interações de quem assiste, as entrevistas apontam que são vistas como ruídos e dispersões que por vezes atrapalham a cobertura, não apenas por dividir atenção com o que ocorre no local da apuração, mas também pela dificuldade citada pelos repórteres de filtrar o que de fato é relevante ou que tem a ver com a cobertura em si. Mas os profissionais reconhecem os aspectos de coprodução, com perguntas relevantes ou mesmo com sinalização de aspectos técnicos, cuja negociação é uma marca forte do formato *live streaming* (frequentemente repórteres comentam aspectos do enquadramento, da captação de som ou da qualidade da internet com seus interlocutores).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propôs-se ilustrar, através de um estudo de caso e usando técnicas da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, como a utilização de tecnologia *live streaming*, pontualmente o Facebook Live, pode afetar a Sensibilidade jornalística. Tal percurso foi feito

em interlocução com o artigo em que Fausto Neto (2009) examinou os efeitos da midiatização no processo de construção da noticiabilidade e, ao longo do texto, recuperou-se algumas das discussões teóricas trazidas inicialmente. Assim, nesta seção, serão sublinhados apenas os aspectos que mais estão alinhados com a tese central do autor no artigo seminal e que nos ajudam a avançar na discussão.

Em consonância com as previsões de Fausto Neto, os repórteres passam a conviver com um novo ambiente de produção na sociedade mediatizada, ainda mais complexo e, no caso estudado, de caráter ainda tentativo e experimental – sem um padrão consolidado. Isso reforça indefinições em relação à identidade profissional, principalmente frente aos públicos em rede, capazes de gerar *inputs* na construção da notícia e que, muitas das vezes, têm acesso às mesmas tecnologias utilizadas pelos jornalistas em suas produções. A complexificação do trabalho, apontada pelo autor, em função da crescente midiatização, é de fato constatável no caso analisado, sem a saída da mediação jornalística, pelo contrário, os jornalistas mantêm fortemente a exploração da função referencial e outras estratégias de objetivação e subjetivação que marcam posição da autoridade jornalística.

No contexto das *lives*, um só agente, o repórter, preocupa-se com conexão, equipamento, enquadramento, autoimagem, além da própria apuração e produção da reportagem enquanto tal. Nesse sentido, ressaltamos o caráter de uma produção que é ao mesmo tempo técnica e simbólica, que altera rotinas jornalísticas, as subjetividades profissionais, as condições de mediação, potencialmente as condições de ‘fazer sentir’ dos públicos em rede. O ambiente do *live streaming* não é apenas utilitário, antes um terreno fértil de novas produções estéticas e de sentido.

Fausto Neto, em 2009, apontava na direção de uma possível situação de “esmaecimento da autoria da atividade do jornalista” (p. 25). Ao se observar a cobertura de *O Globo*, identificamos que os repórteres se esforçam para manter latente o aspecto da ‘objetividade’, relativizando o caráter autoral através de uma espécie de ‘estamos construindo juntos, vocês e eu, aqui, ao vivo’, no entanto estão flagrantemente implicados, como sujeitos, nas narrativas. Igualmente perceptíveis – e em consonância com observações de Fausto Neto – foram os efeitos das especificidades da tecnologia utilizada na construção do ‘efeito de real’, perfeitamente detectável no exemplo do desfoque, perda de qualidade, interrupções abruptas etc.

Por outro lado, verificou-se que aquilo que os usuários escrevem nos comentários, ou o modo como reagem ao vídeo, não alterou visivelmente o curso da narrativa em discussão. Exemplo disso é uma das transmissões (sobre a saída da tropa) em que a imagem fica invertida por todo o tempo, os usuários reclamam incessantemente da posição da câmera e nada acontece. Isso não nega o grande potencial de interatividade da ferramenta, ou o modo como os *inputs* dos usuários interferem na Sensibilidade jornalística, antes aponta para as dificuldades de resposta ágil por parte desses profissionais, que passam a ter que lidar com um maior volume de informações, não apenas geradas pelo ambiente do fato narrado, mas também decorrentes das interações dos seus interlocutores, que ocorrem em ritmo cada vez menos espaçado. Tal aspecto reforça o elemento de complexificação na interação com fontes e receptores, previsto por Fausto Neto, e as necessidades de adaptação constante a ambientes cambiantes de produção e recepção de mensagens.

A análise indica que a interlocução nesse tipo de produção que aqui nos debruçamos, pontualmente em coberturas de rua, mostra-se no máximo como uma reta tangente. Só há um ponto de encontro, não sendo em via dupla: os jornalistas se dirigem genericamente aos usuários do Facebook “para você que acompanha essa transmissão”, “para você que chegou agora” etc., mas não conseguem interagir, responder ou incorporar diretamente elementos trazidos pelos usuários nos comentários – embora, nas entrevistas, sinalizem que o façam, mas são orientados a não mencionar os ‘leitores’ nominalmente. Assim, respondem aos estímulos sem deixar essas pistas no vídeo.

As situações observadas nas *lives* apontam também para um outro fator que sugere possíveis efeitos na Sensibilidade jornalística: a redução de estágios entre apuração e consumo da notícia, colocando polos produtores e consumidores em contato direto, sem edição anterior, e sob a observação de outros usuários. São, de fato, novas dinâmicas de contato, evidenciadas na relação com os interlocutores e que acreditamos estar diretamente relacionada com uma cultura do *streaming* ou a uma ideia de *Jornalismo Live Streaming* (MOTA, 2019). São jornalistas que passam a lidar com a recepção do que produz no momento em que estão produzindo, através da caixa de comentários que está diante de si, na reprodução da imagem da câmera do celular, juntamente com a imagem que está transmitindo.

O conteúdo dessa interação vai desde slogans político partidários a demonstrações de preocupação – “cadê o seu colete?”, “tenha cuidado aí”. Há opiniões sobre os fatos narrados e avaliações sobre as atuações dos jornalistas – “Parabéns, fala muito bem”, “nossa, como são

ruins, não sabe nem falar”, “não sabe gravar? Vira essa câmera”, “a função [da *live*] é só avisar os bandidos” etc. Em concordância com Fausto Neto, percebe-se que as “convicções e as regras que sustentam a atividade mediacional que se realiza neste sistema, pela atividade autoral do jornalista, vê suas forças mescladas e a especificidade do seu trabalho narrativo permeado por enunciações heterogêneas” (FAUSTO NETO, 2009, p. 27).

Tratamos, então, de uma narrativa atravessada por intervenções construídas paralelamente nas caixas de comentários e sobrepostas, através dos dispositivos em que é consumida. Em resumo, o diálogo entre as previsões de Fausto Neto (2009) e as observações de campo no caso estudado mostraram-se instigantes e reveladoras de novos patamares dos efeitos da midiaticização na atividade dos jornalistas. Nesse contexto, caberia ampliar o exame de como ocorrem elementos que potencialmente afetam a Sensibilidade jornalística, especialmente: a) a identidade do jornalista, como percebida pelo público e pelo próprio profissional em ação; b) efeitos do acesso e manejo de equipamentos no processo de construção de ‘efeito de real’ c) possíveis modificações nos lugares das fontes e receptores (dinâmicas de contato); d) o peso da plataforma enquanto nicho de produção de sentido.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana. O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora. **Mídia e Cotidiano**, v. 10, n. 10, p. 192, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9802>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- ALBUQUERQUE, Afonso De. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. **Lumina**, v. 3, n. 2, p. 69–91, 2000. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Afonso-HP.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- ARTWICK, Claudette G. **Social Media Livestreaming: Design for Disruption?**. 1ª ed. New York: Routledge, 2019.
- BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente-tentativa. **Matrizes**, v. 4, n. 1, p. 65–81, 2010.
- DA SILVA, Edilson Márcio Almeida. Jornalismo e construção social da realidade: notas sobre os critérios de representação da violência na imprensa carioca. **Praia Vermelha - Estudos de Política e Teoria Social**, v. 1, n. 13, p. 120–139, 2005. Disponível em: <www.yumpu.com/s/nrMQyAoMUVTX64my>. Acesso em: 6 jun. 2020.
- FAUSTO NETO, Antonio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Galáxia**, n. 18, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3996/399641244002/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. As novas configurações do jornalismo no suporte on-line. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 3, 2004.

GARCÍA, Marina Mancebo. Innovación en formatos audiovisuales. El uso de herramientas de live streaming en Antena 3 y Univision. **Miguel Hernández Communication Journal**, n. 7, p. 325–349, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5794585>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 199–222.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MOTA, Alexandro. Da TV ao Facebook Live: marcas televisivas das transmissões diretas nas redes sociais online. In: 16ª ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR) 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1382/721>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

MOTA, Alexandro. **Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook**. Orientador: Marcos Silva Palacios. 2019. 283 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, v. 1, p. 7–38, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/12249>>. Acesso em: 3 abr. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p. 143–167.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014. v. 7 p. 53–88.

SENSIBILIDADE. In: **Dicionário Michaelis Online**. Editora Melhoramentos, , 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sensibilidade/>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

STEWART, Daxton R. “Chip”; LITTAU, Jeremy. Up, Periscope. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 93, n. 2, p. 312–331, 2016. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077699016637106>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

VENTURA, Mauro de Souza; ABIB, Tayane Aidar. Sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo: articulações para a ampliação do horizonte de compreensão do Outro. **Razón y Palabra**, v. 20, n. 2_93, p. 333–345, 2016. Disponível em:

<<https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/21>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman editora, 2001.